A FUNÇÃO DO ARTISTA VISUAL NO MUSEU DIGITAL: ENTRE MATERIALIDADE, OBJETOS E MEMÓRIA CULTURAL

LUCILENE FERNANDES DE ALMEIDA LIMA

RESUMO

O presente estudo explora a função do artista visual no contexto dos museus digitais, analisando conceitos de materialidade, objetos e memória cultural. Tradicionalmente, os museus são concebidos como instituições voltadas para a preservação de objetos físicos e a educação do público, mas o surgimento do museu digital desafia essas concepções ao trazer objetos intangíveis para o centro das práticas museológicas. A abordagem convencional, que insiste em comparar o objeto digital à sua contraparte física, limita o entendimento de seu valor e de sua agência cultural. Nesse sentido, o trabalho argumenta que repensar a materialidade, autenticidade e "aura" dos objetos digitais pode permitir interpretações mais inclusivas e democráticas, ampliando o papel das coleções digitais na construção da memória transcultural. O artista visual, nesse cenário, desempenha um papel fundamental como mediador e criador de narrativas visuais que conectam o público aos objetos digitais. Ele contribui para a ampliação do potencial interpretativo do museu digital, transformando os objetos em pontos de convergência para múltiplas interpretações e interações. Diferentemente do objeto físico, fixo e limitado à sua materialidade, o objeto digital se apresenta como um espaço dinâmico, onde culturas dialogam e se entrelaçam, promovendo uma memória coletiva mais fluida e transcultural. Além disso, o artigo propõe que a interação com os objetos digitais, facilitada pelo artista visual, oferece oportunidades únicas para mapear e registrar tendências culturais de forma mais acessível e inclusiva. Essa interação não só desafia as práticas museológicas tradicionais, mas também reposiciona o museu como um espaço de encontro cultural, mediado por profissionais e artistas, onde diferentes vozes e perspectivas se conectam. Nesse contexto, destaca-se que o museu digital, ao ampliar seu campo de ação através da arte visual, pode se transformar em um local de diálogo e experimentação cultural, fortalecendo a formação da memória transcultural. Por fim, salienta-se que a função do artista visual transcende a criação de obras e passa a integrar uma dinâmica mais ampla de mediação e construção de significado, essencial para o fortalecimento das coleções digitais como agentes ativos na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVES: Artista visual. Museus digitais. Materialidade. Objetos. Memória.

INTRODUÇÃO

O advento do museu digital trouxe uma transformação significativa nas práticas museológicas, desafiando as definições tradicionais de materialidade e autenticidade. A incorporação de objetos digitais em funções como documentação, gestão de acervos, educação e marketing tornou-se indispensável, ao mesmo tempo que suscita questões sobre a essência e o valor desses objetos intangíveis. Diferentemente dos objetos físicos, os digitais carecem de características táteis e permanentes, o que os posiciona como elementos de difícil delimitação conceitual. No entanto, é justamente essa fluidez que os torna elementos-chave na formação de novas formas de memória e interação cultural.

A pandemia da COVID-19 evidenciou ainda mais a relevância dos museus digitais como espaços de conexão e preservação da cultura, em um contexto onde o isolamento social restringiu o acesso físico às instituições tradicionais. Nesse panorama, a atuação do artista visual assume um papel central, não apenas como criador e curador de conteúdos digitais, mas também como facilitador de experiências interativas e imersivas que ultrapassam a simples contemplação dos objetos. O artista visual se torna, assim, um mediador cultural, capaz de traduzir conceitos complexos em narrativas acessíveis e de potencializar o engajamento do público com as coleções digitais.

Este estudo tem como objetivo aprofundar a compreensão sobre as múltiplas conceituações de objeto no museu digital, analisando, além da literatura acadêmica, percepções

de profissionais do setor. A pesquisa aborda três aspectos fundamentais: a materialidade no contexto digital, que questiona a ideia de tangibilidade como requisito de autenticidade; o valor simbólico e cultural específico dos objetos digitais, que se manifesta por meio de sua capacidade de adaptação e interação; e, por fim, o impacto dessas interações na construção e na ampliação da memória cultural.

O levantamento bibliográfico realizado fundamenta-se em teorias contemporâneas sobre materialidade, memória e prática artística no âmbito digital. Além disso, destaca-se o papel estratégico do artista visual no desenvolvimento de interfaces criativas que conectem o público ao acervo, ampliando as possibilidades interpretativas e promovendo a inclusão de múltiplas perspectivas culturais.

Ao desafiar as limitações físicas, os objetos digitais oferecem oportunidades únicas de democratização do conhecimento, criando um espaço transcultural onde diferentes narrativas podem coexistir e dialogar. O artista visual, nesse cenário, opera como um catalisador de inovação, transformando o museu digital em um ambiente dinâmico e participativo, capaz de atender às demandas de uma sociedade globalizada.

No mais, cabe ressaltar que este artigo enfatiza a necessidade de repensar as práticas museológicas no ambiente digital, posicionando o artista visual como peça-chave na integração de tecnologia, arte e memória.

O ARTISTA VISUAL E A MATERIALIDADE NO MUSEU DIGITAL

A transformação digital dos museus trouxe desafios complexos e, ao mesmo tempo, abriu horizontes para a reinvenção da experiência cultural. Entre as questões mais discutidas está a materialidade dos objetos digitais, que, diferentemente dos objetos físicos, não carrega uma tangibilidade direta, mas estabelece novas possibilidades de valorização.

Essa mudança de paradigma exige que se compreenda o digital como um espaço de criação autônomo e não apenas como uma extensão do físico. Hui (2017) argumenta que objetos digitais transcendem a mera imitação de suas contrapartes materiais, introduzindo características exclusivas que os colocam em um patamar diferenciado.

Por outro lado, a interface digital apresenta limitações sensoriais. Korsmeyer (2012) reflete que as telas e os dispositivos dificultam a experiência de imersão plena, frequentemente associada à avaliação de autenticidade. Nesse cenário, o artista visual assume uma posição fundamental, projetando narrativas que desafiam essas barreiras tecnológicas. Sua atuação se traduz em experiências que expandem o significado da materialidade digital, oferecendo uma interação que vai além do visual e envolve aspectos sensoriais e interpretativos mais profundos.

Além disso, o conceito de pós-digital, abordado por Berry e Dieter (2015), destaca como o digital já está integrado às práticas culturais de maneira estrutural. O artista visual, ao explorar essa nova realidade, questiona as fronteiras entre o material e o imaterial, criando obras que desafiam as divisões tradicionais entre físico e digital. Essa abordagem possibilita novas formas de expressão que, por sua vez, ampliam o impacto cultural e estético das produções digitais, transformando os museus em espaços de experimentação híbrida.

Um aspecto crucial dessa transformação está na democratização do acesso ao conhecimento. Por meio da arte digital, os museus conseguem alcançar públicos antes excluídos dos espaços culturais tradicionais. A materialidade dos objetos digitais, ressignificada pela criatividade artística, permite que as coleções se tornem acessíveis em diferentes plataformas, rompendo barreiras geográficas e sociais. Dessa maneira, o artista visual não apenas cria, mas também atua como um mediador entre a tecnologia e o público, gerando experiências que conectam indivíduos e culturas.

No entanto, a autenticidade no contexto digital ainda é um tema controverso. Enquanto os objetos físicos são historicamente valorizados por sua singularidade tangível, os objetos digitais frequentemente enfrentam preconceitos relacionados à sua "aura".

Biedermann (2017) sugere que, apesar de sua imaterialidade, os objetos digitais têm o potencial de construir novas formas de autenticidade, sobretudo quando aliados a

experiências interativas. Para tanto, o papel do artista visual é indispensável na criação de interfaces e narrativas que permitam ao público explorar esse potencial de forma significativa.

As tecnologias digitais, embora ampliem o acesso às coleções, também trazem desafios relacionados à desigualdade de acesso. A atuação do artista visual, nesse contexto, pode ser decisiva para criar representações inclusivas, capazes de dialogar com públicos diversos.

Como enfatiza Crownshaw (2011), a interpretação polifônica dos objetos digitais enriquece as narrativas museológicas, oferecendo uma visão plural das culturas representadas. Isso reforça a ideia de que a arte digital não é apenas uma ferramenta de reprodução, mas um campo de criação que promove a troca e a interação.

A partir disso, é possível compreender que os museus digitais se tornam verdadeiras zonas de encontro, onde culturas, tempos e histórias convergem. Hogsden e Poulter (2012) destacam a importância das "zonas de contato" no ambiente digital, onde públicos e instituições colaboram na construção de significados. Nessa dinâmica, o artista visual atua como um facilitador, integrando tecnologia, arte e memória em um diálogo contínuo e inovador.

Por fim, a transformação digital dos museus exige não apenas novas estratégias, mas também uma mudança de perspectiva sobre o que constitui valor cultural. A materialidade digital, muitas vezes subestimada, revela-se uma dimensão poderosa de criação e reflexão. O artista visual, ao explorar esse universo, não apenas redefine os limites entre o tangível e o intangível, mas também contribui para uma visão mais inclusiva e dinâmica da cultura, promovendo a interação, a democratização e a inovação. Dessa maneira, os museus digitais emergem como espaços de vanguarda, onde arte e tecnologia se encontram para moldar novas formas de memória coletiva.

O OBJETO DIGITAL COMO MEDIADOR DE MEMÓRIA E CULTURA

Os objetos digitais nos museus desempenham um papel essencial na construção da memória cultural contemporânea. Eles não apenas armazenam informações, mas também oferecem novas possibilidades de interpretação e interação, como observado por Budge e Burness (2018).

Ao contrário de substituir o objeto físico, o digital se posiciona como um complemento valioso, ampliando as narrativas e criando pontes entre o passado e o presente. Essa complementaridade, no entanto, é frequentemente ofuscada pela hierarquia que privilegia o tangível em detrimento do intangível. Rever essa perspectiva permite reconhecer o digital como uma ferramenta poderosa de mediação cultural e como um espaço de encontro de múltiplas narrativas.

Dentro desse contexto, o artista visual emerge como um protagonista na ressignificação do objeto digital. Ao criar experiências imersivas, ele utiliza as ferramentas digitais para dar voz a interpretações culturais diversas, superando barreiras de acessibilidade e promovendo a inclusão.

Estratégias visuais inovadoras podem transformar objetos digitais em veículos de expressão cultural, conectando histórias e valores de diferentes comunidades. Nesse sentido, a obra do artista deixa de ser meramente estética e assume um papel social ao integrar múltiplas vozes em uma narrativa coesa e impactante.

A exposição "Some Were Neighbors", realizada pelo Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos (USHMM, 2020), exemplifica como os objetos digitais podem criar ambientes de reflexão coletiva. Ao permitir a interação dos visitantes com esses objetos, tanto presencial quanto virtualmente, o museu conseguiu transcender o espaço físico e ampliar o alcance de suas mensagens. Essa abordagem não apenas enriquece a experiência do público, mas também transforma os objetos digitais em plataformas de diálogo, capazes de estimular uma compreensão mais profunda e sensível de eventos históricos.

A capacidade de o digital ampliar o acesso às coleções museológicas destaca sua importância como mediador de memória. Em um mundo cada vez mais interconectado, os objetos digitais rompem barreiras geográficas e sociais, democratizando o acesso ao patrimônio cultural.

A criação de ambientes digitais inclusivos,

como defendido por Parry (2013), reforça o potencial dessas tecnologias para promover a igualdade cultural e facilitar a interação de públicos diversos com o passado. Nesse processo, o artista visual desempenha um papel crucial ao traduzir a complexidade dessas narrativas em formas compreensíveis e envolventes.

Embora as limitações tecnológicas possam impor desafios, elas também estimulam a criatividade. Korsmeyer (2012) argumenta que a experiência digital pode ser enriquecida por meio de inovações que envolvam mais os sentidos, criando interações que vão além do visual. O artista, nesse contexto, torna-se um mediador não apenas de histórias, mas também de experiências, aproximando o público do conteúdo em níveis emocionais e intelectuais. A materialidade do digital, embora diferente, tem o potencial de evocar respostas significativas que ampliam a compreensão do público sobre o patrimônio cultural.

A memória coletiva, como apontado por Hoskins (2017), é construída em constante diálogo entre o passado e o presente. Os objetos digitais, ao incorporar narrativas múltiplas e flexíveis, refletem essa dinâmica, adaptando-se às necessidades contemporâneas.

Além disso, eles promovem a interação ativa do público, permitindo que indivíduos se vejam representados e conectados às histórias que compõem as coleções. A mediação cultural, nesse sentido, ganha uma nova dimensão ao integrar os avanços tecnológicos às práticas museológicas tradicionais.

Outro aspecto relevante é a capacidade dos objetos digitais de funcionar como pontos de encontro transculturais. Ao permitir a representação de diferentes perspectivas em um único espaço, eles incentivam o diálogo entre culturas e promovem a compreensão mútua. A mediação artística, nesse caso, é essencial para garantir que essas interações sejam respeitosas e significativas, resultando em uma experiência enriquecedora para todos os envolvidos.

Ademais, os objetos digitais, longe de serem meros substitutos, apresentam-se como ferramentas indispensáveis para os museus do século XXI. Eles não apenas preservam a memória, mas também a moldam, permitindo que novas gerações acessem o passado de maneiras inovadoras e interativas. A atuação do artista visual, ao explorar as potencialidades desses objetos, não apenas contribui para a preservação cultural, mas também promove um diálogo contínuo entre o local e o global, o passado e o presente, o individual e o coletivo. Dessa forma, o digital se consolida como uma ponte vital entre a memória e a cultura, ampliando os horizontes da experiência humana no universo museológico.

DEMOCRATIZAÇÃO E DESAFIOS DO MUSEU DIGITAL

O museu digital é frequentemente celebrado por seu potencial de democratizar o acesso ao patrimônio cultural, mas enfrenta desafios substanciais que questionam essa promessa. A infraestrutura digital necessária para interagir com as coleções virtuais é desigualmente distribuída no globo, como destacado por Mihelj et al. (2019).

A internet, embora ofereça uma plataforma para a disseminação de conteúdo, não é isenta de influências políticas, econômicas e sociais. Isso significa que, em vez de eliminar desigualdades, o espaço digital pode reproduzi-las, restringindo o acesso às coleções a grupos privilegiados que dispõem dos recursos necessários.

Nesse contexto, o papel do artista visual se torna essencial. Por meio de sua prática, ele pode criar experiências que transcendem limitações impostas pelas desigualdades digitais, explorando alternativas para tornar os conteúdos acessíveis a diferentes públicos.

Os artistas visuais têm o poder de reimaginar a forma como os objetos digitais são apresentados, desafiando estruturas de poder que frequentemente permeiam o ambiente virtual. Essa abordagem possibilita a criação de narrativas inclusivas que destacam a diversidade de vozes, promovendo o diálogo intercultural e incentivando um entendimento mais profundo entre as culturas.

Além disso, o conceito de "zonas de contato digitais" discutido por Hogsden & Poulter (2012) oferece uma base teórica para o desenvolvimento de experiências museológicas colaborativas. Essas zonas digitais podem ser vistas como espaços de encontro onde diferentes culturas interagem de

maneira aberta e transformadora. Aqui, o artista visual age como mediador, utilizando os objetos digitais como catalisadores para promover o intercâmbio cultural e a construção de novas identidades coletivas. Essa interação entre culturas cria oportunidades para que os museus sejam espaços vivos e dinâmicos, em constante reinvenção.

A digitalização das coleções, no entanto, deve ir além de um esforço técnico. É necessário adotar abordagens que repensem noções clássicas de autenticidade e valor associadas aos objetos físicos.

O ambiente digital não precisa imitar o físico, mas pode ampliar sua compreensão ao oferecer novas formas de interação e interpretação. Dessa forma, o museu digital pode se tornar mais inclusivo, valorizando tanto os aspectos tangíveis quanto os intangíveis do patrimônio cultural, enquanto desafia noções estabelecidas de materialidade.

Outro ponto crucial é que os museus digitais não devem apenas refletir a memória unificada de uma determinada cultura, mas funcionar como plataformas multivocais onde diferentes perspectivas coexistem e se complementam. Isso requer um esforço consciente para representar comunidades marginalizadas e dar espaço a vozes historicamente silenciadas.

Os artistas, nesse processo, desempenham um papel de facilitadores, utilizando sua criatividade para reinterpretar as coleções de maneira que seja relevante e acessível a todos os públicos.

A colaboração entre artistas, curadores e tecnólogos é fundamental para enfrentar os desafios do museu digital. A criação de interfaces amigáveis e acessíveis, combinada com narrativas culturalmente sensíveis, amplia as possibilidades de engajamento e permite que o museu digital cumpra sua promessa de democratização.

Além disso, os avanços na tecnologia digital, como realidade aumentada e virtual, oferecem novas ferramentas para enriquecer a experiência do visitante e superar as barreiras físicas que ainda limitam o acesso a muitas coleções.

Porém, mesmo com os avanços tecnológicos, é necessário um compromisso contínuo das instituições culturais em tornar o digital verdadeiramente acessível. Isso envolve não apenas a superação das barreiras tecnológicas, mas também a promoção de uma cultura digital inclusiva que acolha diferentes formas de engajamento. A transparência nos processos de curadoria digital e a inclusão de comunidades locais no desenvolvimento de narrativas são passos fundamentais para esse objetivo.

Finalmente, o museu digital tem o potencial de se consolidar como um espaço de experimentação, onde artistas, instituições e visitantes podem colaborar na construção de novos significados culturais. À medida que os desafios relacionados à equidade e ao acesso são enfrentados, os objetos digitais podem transcender seu papel tradicional de meros repositórios de memória para se tornarem verdadeiros mediadores de cultura e inclusão. Essa transformação depende da capacidade de artistas e museus de explorar plenamente o potencial do digital, enquanto enfrentam de maneira proativa as desigualdades inerentes ao seu contexto.

A FUNÇÃO DO ARTISTA VISUAL NO MUSEU DIGITAL

O papel do artista visual no contexto do museu digital transcende a simples produção estética. Ele atua como mediador entre a materialidade digital e a memória cultural, redefinindo conceitos e criando novas possibilidades interpretativas. Berry e Dieter (2015) exploram a estética pós-digital, destacando como o artista é essencial para integrar a tecnologia nas práticas culturais, transformando o digital em um espaço criativo que vai além da mera replicação do físico. Nesse sentido, o artista visual assume o papel de questionar e ressignificar a relação entre o tangível e o intangível, propondo formas inovadoras de experiência cultural.

Biedermann (2017) enfatiza a importância de perceber os "museus virtuais" como complexos que demandam novas abordagens museológicas. Nesse contexto, o artista visual atua como um criador de conexões que traduzem narrativas históricas e culturais em linguagens acessíveis, possibilitando interações digitais mais profundas e imersivas. Sua função não é apenas técnica, mas conceitual, criando pontes entre o conteúdo digital e os públicos que o consomem, muitas vezes em contextos culturais e sociais di-

versos.
Além disso, Budge e Burness (2018) refletem sobre o uso de plataformas digitais como o Instagram para envolver o público com objetos de museu. O artista visual, ao utilizar essas ferramentas, potencializa a comunicação entre o museu e seus visitantes, criando narrativas interativas que rompem com as barreiras geográficas e sociais. Por meio da criatividade, ele transforma objetos digitais em agentes ativos de engajamento cultural, promovendo uma memória participativa e descentralizada.
De acordo com Crownsahw (2011), o conceito de memória transcultural é central para entender como os museus digitais podem atuar como espaços de diálogo entre culturas. O artista visual tem o poder de incorporar múltiplas vozes e narrativas em suas obras, contribuindo para a formação de uma memória que não é apenas coletiva, mas também inclusiva e polifônica. Dessa forma, ele enriquece a experiência cultural ao explorar as nuances das representações digitais.
Hogsden e Poulter (2012) abordam a ideia de "zonas de contato digital", onde diferentes culturas podem interagir e se transformar mutuamente. O artista visual desempenha um papel crucial ao projetar espaços virtuais que favoreçam esse tipo de interação. Ele cria interfaces que não apenas apresentam objetos, mas também convidam os usuários a participar ativamente da construção de significados, promovendo um diálogo contínuo e enriquecedor.
Por outro lado, Hoskins (2017) discute o conceito de "memória da multidão", alertando para o desafio de manter a autenticidade e a integridade das narrativas digitais em um cenário de hiperconectividade. Nesse contexto, o artista visual atua como um curador de experiências, garantindo que as representações digitais mantenham seu valor simbólico e cultural, mesmo em meio à fragmentação e à sobrecarga de informações.
Hui (2017) argumenta que a síntese de memórias sociais é uma tarefa complexa no ambiente digital. Nesse cenário, o artista visual contribui para a construção de uma narrativa que não apenas sintetiza, mas também amplia as perspectivas culturais. Ele cria obras que refletem a multiplicidade de histórias e memórias, ajudando a construir um senso de pertencimento e identidade no espaço virtual.
Korsmeyer (2012) ressalta a importância do toque na experiência do genuíno, levantando questões sobre como a materialidade digital pode transmitir autenticidade. O artista visual responde a esse desafio ao projetar experiências imersivas que exploram outras dimensões sensoriais, utilizando tecnologias como realidade virtual e aumentada para recriar a sensação de presença e tangibilidade.
Mihelj, Leguina e Downey (2019) destacam as desigualdades no acesso às tecnologias digitais, alertando para a necessidade de promover a inclusão cultural. O artista visual desempenha um papel fundamental ao criar experiências digitais acessíveis, que atendam a diferentes públicos e contextos, contribuindo para a democratização do conhecimento e da memória cultural.
Parry (2013) sugere que o museu pós-digital devem reavaliar seus valores e normas tradicionais. O artista visual, nesse cenário, não apenas adapta-se às novas tecnologias, mas também questiona as estruturas institucionais, propondo uma abordagem mais inclusiva e experimental. Exposições como "Some Were Neighbors" (USHMM, 2020) demonstram o potencial do digital para fomentar a reflexão crítica, destacando o papel central do artista na criação de narrativas significativas que transcendam o espaço físico e dialoguem com o público de maneira inovadora.
Ao integrar esses diferentes aspectos, o artista visual no museu digital emerge como um agente transformador, capaz de redefinir a relação entre tecnologia, materialidade e memória cultural. Ele não apenas participa da construção de narrativas digitais, mas também contribui para a democratização do acesso ao patrimônio cultural, promovendo uma memória mais inclusiva e dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da função do artista visual no museu digital evidencia que, embora o acesso a dispositivos digitais esteja em expansão global, persistem desigualdades significativas que limitam a plena democratização cultural. Esse cenário, intensificado durante o período de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19, destaca a relevância

de ampliar os meios de acesso às manifestações culturais e fomentar o compartilhamento de ideias como um pilar de resiliência social e cultural.

Os debates em torno do museu digital revelam a ausência de um consenso sobre a definição de seus objetos, especialmente no que se refere às qualidades intrínsecas desses artefatos, como materialidade e aura. Essas divergências muitas vezes refletem a multiplicidade de perspectivas dos profissionais envolvidos nos processos de coleta, curadoria e exibição das coleções digitais. Assim, a visão que se constrói sobre os objetos digitais é diretamente influenciada pelos papéis desempenhados pelos diferentes agentes do museu.

Essa pluralidade de interpretações também impacta o valor cultural e simbólico atribuído aos objetos digitais. Ao relegá-los a posições inferiores em hierarquias de valor, limita-se seu potencial como mediadores de conhecimento e memória. Ao contrário, tratá-los como entidades com características únicas e não subordinadas aos objetos físicos permite novas abordagens criativas, democratiza o acesso à cultura e fortalece a formação de uma memória transcultural mais inclusiva e diversificada.

O artista visual desempenha, nesse contexto, um papel crucial ao reimaginar os objetos digitais como elementos polivocais, capazes de representar múltiplas narrativas e perspectivas. Sua atuação, em colaboração com instituições e comunidades, contribui para a construção de experiências interativas e dinâmicas que desafiam estruturas tradicionais e promovem uma compreensão mais ampla e democrática da memória cultural. Essa prática permite que os objetos digitais transcendam sua função de repositórios de informação para se tornarem agentes ativos na preservação e disseminação de narrativas culturais.

Para fortalecer essa dinâmica, é imprescindível que os museus digitais adotem estratégias que integrem práticas participativas e interdisciplinares, ampliando o envolvimento de comunidades diversas na construção de significados culturais. A valorização dos objetos digitais como mediadores autênticos da memória coletiva requer esforços colaborativos que combinem inovação tecnológica, criatividade artística e sensibilidade cultural.

Com base nos desafios e potencialidades apresentados, propõem-se futuras pesquisas que investiguem a relação entre os objetos digitais e os sentidos de autenticidade e materialidade na era pós-digital. Além disso, estudos que explorem o impacto da democratização cultural por meio de tecnologias emergentes, como realidade aumentada e inteligência artificial, podem oferecer insights valiosos sobre como essas ferramentas podem ampliar ainda mais o acesso e a interação com coleções digitais. Por fim, a análise de iniciativas que envolvam comunidades marginalizadas na criação e curadoria de objetos digitais pode contribuir para a construção de uma memória cultural verdadeiramente inclusiva e transformadora.

No mais, essas perspectivas, ao serem aprofundadas, não apenas consolidam o papel do artista visual como agente de inovação no museu digital, mas também ampliam o entendimento das potencialidades desses espaços enquanto plataformas de diálogo, inclusão e preservação cultural.

REFERÊNCIAS

BERRY, D. M; DIETER, M. Estética pós-digital: Arte, computação e design. Nova Iorque, NY: AIAA, 2015. Disponível em: https://link.springer.com/book/10.1057%2F9781137437204. Acesso em: jan. 2025.

BIEDERMANN, B. "Museus Virtuais" como complexos de acervo digital: Uma perspectiva museológica usando o exemplo de Hans Gross Kriminalmuseum. Gestão e Curadoria de Museus, 32(3), 281–297, 2017. Disponívelem:https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09647775.2017.1322916?-journalCode=rmmc20. Acesso em: jan. 2025.

BUDGE, K; BURNESS, A. Objetos de museu e Instagram: Agência e comunicação em engajamento digital. Continuum, 32(2), 137–150, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1080/10304312.2017.1337079. Acesso em: jan. 2025.

CROWNSHAW, R. Ficções perpetradores e memória transcultural. Londres: Routledge,

2011. Disponível em: https://doi.org/10.1080/13534645.2011.605582. Acesso em: jan. 2025.

HOGSDEN, C; POULTER, E. K. O outro verdadeiro? Objetos de museu em redes de contato digital. Revista de Cultura Material, 17(3), 265-286, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1359183512453809. Acesso em: jan. 2025.

HOSKINS, A. Memória da multidão: O fim da memória coletiva. In: HOSKINS, A (Org.). Estudos de Memória Digital: Passados de mídia em transição. Londres: Routledge, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=AnE3DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT122&dq=Hoskins,+A.+(2017).+Memory+of+the+multitude:+The+end+of+collective+memory,+85%E2%80%93109.&ots=Gg-C0Jhy_c&sig=P2jVZRcCWH-5V7KVMoKWLaBdByo&redir_esc=y#v=onepage&q=Hoskins%2C%20A.%20(2017).%20Memory%20of%20the%20multitude%3A%20The%20end%20of%20collective%20memory%2C%2085%E2%80%93109.&f=false. Acesso em: jan. 2025.

HUI, Y. Sobre a síntese de memórias sociais. In: LUNDEMO, T; RØSSAAK, E; BLOM, I. (Eds.) Memória em Movimento: Arquivos, Tecnologia e o Social (pp. 307-326). Amsterdã, Holanda: Amsterdam University Press, 2017. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/j.ctt1jd94f0.16. Acesso em: jan. 2025.

KORSMEYER, C. Toque e a experiência do genuíno. Jornal Britânico de Estética, 52(4), 365-377, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1093/aesthj/ays043. Acesso em: jan. 2025.

MIHELJ, S; LEGUINA, A; DOWNEY, J. A cultura é digital: participação cultural, diversidade e a divisão digital. Nova Mídia e Sociedade, 21(7), 1465-1485, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1461444818822816. Acesso em: jan. 2025.

PARRY, R. O fim do início: Normatividade no museu pós-digital. Revista Museus no Mundo: Avanços em Pesquisa, 1(1), 24–39, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.3167/armw.2013.010103. Acesso em: jan. 2025.

USHMM. Exposição online: “Some Were Neighbors” (2020). Disponível em: http://somewereneighbors.ushmm.org/#/exhibitions. Acesso em: jan. 2025.